

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# HISTÓRIA

### O CAMINHO PARA UMA BOA MORTE: O TESTAMENTO COMO INSTRUMENTO DE SALVAÇÃO

<sup>1</sup> Aryanne Faustina da Silva (PIBIC/CNPq); <sup>1</sup> Cláudia Rodrigues (orientador).

1- Departamento de História; Escola de História; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: morte; salvação; testamento; prática testamentária.

#### INTRODUÇÃO

O trabalho que será apresentado está vinculado, de modo mais geral, ao Projeto As reformas pombalinas e a prática testamentária no Rio de Janeiro colonial (1808-1822), coordenado pela a Professora Claudia Rodrigues que tem como objetivo principal a investigação, no âmbito da História da Morte, sobre o impacto das reformas pombalinas – em especial as chamadas “leis testamentárias” ou “leis novíssimas” – sobre a prática de testar, na cidade do Rio de Janeiro, dentro do contexto da crise do colonialismo português na América (1750-1822). Mais especificamente, esta apresentação está vinculada ao meu projeto de TCC, em fase de conclusão, que busca analisar: a) a contribuição do testamento como fonte para a produção do conhecimento histórico, sendo utilizado para pesquisas com diversos enfoques temporais e locais – tanto no contexto nacional quanto no internacional; b) o processo que gerou o ressurgimento da prática testamentária e a sua transformação na Baixa Idade Média em um ato de preparação para a morte e que adquiriu um sentido soteriológico por excelência, principalmente a partir dos séculos XII e XIII; c) a vivência da prática testamentária no Brasil colonial a partir da legislação referente ao testar e das instruções eclesiásticas, como, por exemplo, através de manuais de bem-morrer. A partir do século XII, na Europa ocidental da Baixa Idade Média, podemos observar a retomada da prática testamentária, adotada na Antiguidade romana. Diferentemente da objetividade que o testamento possuía neste período – o caráter, basicamente, de transmissão de bens –, no medievo esse documento passou a ocupar um importante lugar na busca pela salvação da alma dos fiéis da Igreja Romana. Na redação do testamento, o indivíduo medieval passou a expressar a sua fé nos dogmas cristãos, assim como a sua preocupação com o que haveria de acontecer com a sua alma após a sua morte. Com isso, o mesmo buscava legar bens a fim de que missas e sufrágios fossem prestados em prol de sua salvação. A partir da chegada da Modernidade, a prática testamentária permaneceu com a característica soteriológica e, a partir da colonização portuguesa da América, o ato de registrar as últimas vontades do fiel esteve também presente no Brasil. Trabalhando com documentos que se encontram no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro – ACMRJ, me identifiquei com o tema da morte. Em três anos como bolsista IC pude investir o meu tempo de estudos debruçando-me sobre testamentos dos mais diversos perfis de testadores contidos nos livros AP0155 (1746 – 1758).

#### OBJETIVO

Pretende-se abordar o contexto de mudança da prática testamentária na Baixa Idade Média, no sentido de discutir os agentes sociais envolvidos neste processo e os elementos que passaram a fazer parte dos testamentos a partir de então. Com a análise de alguns fragmentos de testamentos feitos no Rio de Janeiro colonial, no século XVIII, almeja-se expor como foi dada na América Portuguesa a manifestação da vontade do testador em salvar a sua alma e em escolher como os ritos fúnebres seriam regidos a partir da sua vontade.

#### METODOLOGIA

O planejamento desta apresentação só foi possível, primeiramente, graças à leitura e ao estudo de registros de testamentos que foram transcritos do livro AP0155 (1746 – 1758), que se localiza no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. No total, cerca de 350 testamentos desse livro estão à disposição para análise. A partir do aproveitamento das informações destes documentos, uma análise qualitativa pôde ser feita. Os testamentos que venho estudando são fruto da crença e da vivência de atores sociais que fizeram parte das mais diversas realidades na Colônia. Suas origens (africana, portuguesa e etc.), suas cores (branca, preta, mestiça), suas condições sociais (escrava, religiosa, liberta, entre outras) e tantas outras características, são primordiais para a análise e compreensão do que o testamento significava na sociedade. A partir desses assentos paroquiais, há a possibilidade de achar a expressão da vontade dos indivíduos quanto aos procedimentos que envolveriam a sua morte e o seu funeral, da mesma forma que os seus anseios quanto à salvação de sua alma. Nos últimos meses, juntamente com a equipe da professora orientadora, venho buscado classificar e dividir cada parte dos testamentos já copiados para a formulação de um banco de dados. Por fim, para dialogar com tais fontes, há a constante leitura e estudo de uma bibliografia referente aos assuntos levantados. Trabalhos oriundos de pesquisas voltadas para a Europa, assim como para o Brasil colonial, auxiliam-me na compreensão do processo de mudança da prática testamentária e dos agentes que nele estiveram envolvidos. Além disso, aliados ao trabalho direto com o livro de testamentos e de óbitos, tais estudos me ajudam a perceber como o ato de testar foi vivido na prática.

#### RESULTADOS

Nos testamentos registrados no AP0155, de maneira geral, um perfil foi encontrado no que se refere à preocupação do testador com relação salvação de sua alma. Praticamente os testadores, dentre os 350 existentes, buscaram determinar como gostariam que se sucedessem os ritos fúnebres de seus falecimentos. Existiram aqueles que, devido a sua abastada condição financeira, exigiam um último aparecimento social pomposo. Esse é o caso de Jacinto Alves de Abreu, que redigiu o seu testamento no ano de 1748. Segundo ele, “Meu corpo será amortilhado no hábito dos Religiosos de Nossa Senhora do Carmo, e será sepultado na Capela da

### 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

minha Venerável Ordem Terceira da dita Senhora donde sou indigno irmão terceiro (...) e me acompanharão o meu Reverendo Pároco junto com vinte sacerdotes, e os religiosos de Nossa Senhora do Carmo e os meninos órfãos de São Pedro, e de tudo se dará a esmola costumada (...). É importante chamar a atenção para o fato de que um cortejo fúnebre como este, que Jacinto exigiu, demandava um alto empenho de recursos financeiros. E, o testador não parou por aí. Além do seu cortejo ele quis que “no dia do meu falecimento podendo ser, aliás, no seguinte se mandarão dizer por minha alma em todas as igrejas e conventos desta cidade trezentas missas de corpo presente de esmola de cruzado, (...) seis missas ao Santíssimo Sacramento, e três missas às três pessoas do Santíssima Trindade, em nome das três horas em que Cristo esteve na cruz, e uma missa à Nossa Senhora em memória da última agonia que teve ao pé da cruz e se dará de esmola de cada uma a seiscentos e quarenta réis (...) Declaro que no dia do meu enterro se repartirá pelos pobres que me acompanharem oito mil réis (...) Declaro que se mandará dizer por minha alma, na Capela da minha ordem terceira, as missas seguintes; à Sagrada Paixão de Cristo sete (...) e mais por minha alma quatrocentas, e pelo meus irmãos terceiros falta de rezar cinquenta e no Convento do Carmo duzentas (...), e cem os dirá o dito meu irmão Frei Francisco de João Frei Francisco de Jesus, e todas são por minha ama, e meu testamenteiro mandará dizer as missas seguintes por quem lhe parecer cem por meus pais, e cem por todas as minhas obrigações, e cem por todos os meus amigos e inimigos e quem tivesse contas comigo, escravos, e cinquenta pelas almas do purgatório, e de todas se dará a esmola costumada (...)”. Toda essa preocupação, manifestada através do pedido de inúmeras missas, é a forma que o testador encontrou de expressar o seu desejo de obter os recursos possíveis para que a sua alma fosse salva e passasse o menor tempo possível no Purgatório, expurgando os seus pecados. Toda a descrição do cortejo fúnebre e do pedido das orações foi resultado de um processo de clericalização da morte que se iniciou na Baixa Idade Média e, durante os séculos, adentrou o Brasil colonial. A crença de que, a partir de todo esse ritual a salvação estaria ao seu alcance, fez com quem os fiéis católicos dispusessem de grande parte de seus bens (e, às vezes, de todos eles).

#### CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, estudar como o testamento, desde a Baixa Idade Média até o Brasil colonial, foi utilizado para expressar o desejo da salvação da alma dos católicos trouxe para a minha vivência acadêmica um grande enriquecimento. Analisar o processo de mudança que viabilizou contemplarmos as características acima citadas deste documento ampliou meu horizonte quanto às práticas religiosas coloniais. Quanto ao enriquecimento que os assentos testamentários podem trazer para a produção do conhecimento histórico, através deles podemos observar práticas e crenças que são fatores relevantes dentro da temática da morte. Neste trabalho, compreendo que tanto a História Social quanto a Cultural são privilegiadas nas análises propostas. Ao estudar os testamentos do período colonial podemos encontrar informações e discursos que nos mostram diversos grupos sociais com suas condições e seu comportamento diante da morte. De forma similar, como vimos no exemplo de Jacinto Alves de Abreu, ficam registrados os ritos funerários e a importância das missas e doações para os indivíduos. Mesmo com todos os estudos que, desde o final dos anos 1970, vem explorando a temática da morte e dos testamentos no Brasil, tais documentos possuem ainda muito potencial para auxiliar pesquisas que visem compreender as dinâmicas social e cultural.

#### REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. Balanços de vida, medo da morte e esperança na salvação: os testamentos do emigrantes portugueses para o Brasil (século XVIII). *Cadernos de História*. Belo Horizonte: PUC – Minas, 2006. v.8, nº 9, p.29-50.
- ARAÚJO, Regina Mendes de. Mulheres de Vila do Carmo: a preocupação com a “boa morte” (1713 – 1750). *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG*, vol. 1, nº 2, ago./dez. 2009
- ARIËS, Phillipe. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.
- BEIRANTE, Maria Ângela. Para a história da morte em Portugal (século XII-XIV). In: *Estudos de História de Portugal*, vol. I – séculos X-XV. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- EIRE, Carlos M. N.. *From Madrid to Purgatory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- GUIANCE, Ariel. Los discursos sobre la muerte en la Castilla Medieval (siglos VII-XV). Valladolid: Junta de Castilla y León. Consejería de Educación y Cultura, 1998.
- PAIVA, Eduardo França. Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias e resistência através dos testamentos. São Paulo: ANNABLUME, 2009.
- \_\_\_\_\_. Frágeis fronteiras: relatos testamentais de mulheres das Minas Gerais setecentistas. *Anuario de Estudios Americanos*, 66, 1, enero-junio, 193-219, Sevilla (España), 2009.
- REGO, Francisco José da Silva. *Tratado dos testamentos*. Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1783.
- REIS, João José. A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991
- RODRIGUES, Claudia. Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- VILAR, Hermínia Vasconcelos. Rituais da morte em testamentos dos séculos XIV e XV (Coimbra e Santarém). In: MATTOSO, José (org.) *O reino dos mortos na Idade Media Peninsular*. Lisboa: Edições João de Sá da Costa, 1996.